

ZH busca repercussão

Com Augusto Nunes no comando da Redação, Zero Hora quer se tran

Augusto Nunes soube prender a atenção do público que o assistia no lotado Auditório da FABICO, na manhã de quarta-feira, 29 de abril. O diretor de redação de Zero Hora, extrapolando o tema da palestra

- "As mudanças em Zero Hora" - fez com que aproximadamente 150 pessoas ali presentes, entre professores e estudantes de comunicação da UFRGS e FAMECOS-PUC, esquecessem logo o atraso de 45 minutos no início do debate.

Nunes dividiu o tempo da palestra em dois segmentos. No primeiro, sem tirar o paletó, expôs durante vinte minutos a sua compreensão sobre jornalismo e os requisitos que julga essenciais para alguém se tornar um bom jornalista. Na segunda parte do tempo, após livrar-se do paletó, afrouxar a gravata e arregaçar as mangas, respondeu às dezesseis perguntas formuladas pela platéia e o que o horário permitiu. Depois de uma hora e 45 minutos, não havia alguém que, concordando ou discordando das opiniões de Nunes, não reconhecesse a riqueza daquela "aula" de jornalismo. O professor da disciplina Seminário de Comunicação e Política, Wladimir Ungaretti, responsável pela presença de Augusto Nunes na FABICO, não escondeu sua satisfação: "Considero que este momento inicia efetivamente o semestre.", exclamou ao final. A seguir algumas passagens da palestra.

Augusto Nunes

"A minha vida esteve ligada sempre à mudança. O meu currículo resumido atesta sem nenhum cabotismo que eu tive a sorte, o bom senso suficiente, para estar no momento certo, no lugar onde as mudanças aconteceriam. Eu aprendi que a mudança é indispensável, é um fator de vida para os jornalistas inquietos entre os quais me incluo."

Imprensa Brasileira

"A imprensa brasileira vem amadurecendo penosamente ao longo de sua existência e acho que o Brasil ainda não conseguiu ter um jornal realmente independente, comprometido exclusivamente com os leitores e com a publicação de verdade. É preciso ser decente e é possível tê-lo ainda que vivendo num país como o nosso"

Lei de Imprensa

Eu sou contra a instituição de qualquer tipo de Lei de Imprensa. Lei de Imprensa só serve para nos beneficiar ou nos prejudicar sempre indevidamente. Ou a Lei de Imprensa nos favorece porque é votada por legisladores interessados nos favores da imprensa, ou ela nos prejudica porque é forjada por regimes autoritários decididos a calar a imprensa. Num e no outro caso a coisa começa mal e termina pior ainda, portanto não precisamos de Lei de Imprensa. Precisamos de um código de ética. Código elaborado pelos próprios jornalistas e precisamos, sobretudo, que se aplique a nós também o código penal."

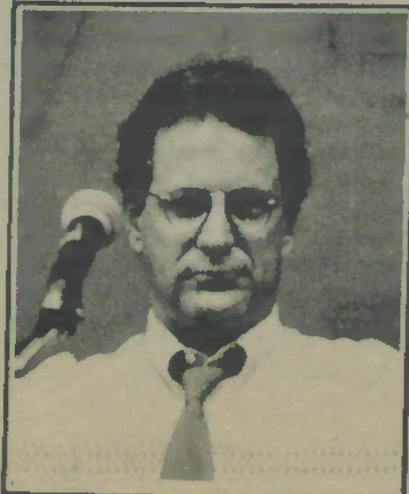
Jornalismo

Eu costumo citar duas frases que acho que devem balizar o comportamento dos jornalistas. A primeira frase é do pai do brilhante

jornalista Mino Carta, o também brilhante Gianino Carta. Toda vez que terminava o expediente o velho Gianino dizia: "Perdemos mais uma batalha". Por quê? Porque no dia seguinte o jornal sairia com algum tipo de erro. É impossível, é um sonho impossível a edição sem erros. Mas esse sonho tem que ser perseguido todos os dias, com tenacidade pelos jornalistas presos a uma outra frase da Hanna Arendt e que era muito citada pelo próprio Mino Carta: "os jornalistas devem ser céticos no pensamento, mas otimistas na ação".

O Jornalista

"Para trazer alguém para a minha equipe as exigências são muito claras. Exijo que a pessoa tenha independência intelectual, ou seja, nenhum tipo de militância que atrapalhe o seu comportamento. Tem que ter as virtudes sem as quais não existe um jornalista: curiosidade além do normal, disposição para viver uma vida que nada tem de rotineira e, sobretudo, que saiba ler e escrever, com vocabulário superior a 300 palavras. Eu digo que quem não leu até os 18 anos 20 livros não tem salvação para o jornalismo e não



adianta tentar ler depois dois por dia. Perdeu-se a chance e é melhor tentar outra profissão"

O texto

"As pessoas precisam aprender a escrever com raciocínio lógico, começo-meio-fim, a contar claramente uma história. Tem é que se aprender a escrever com simplicidade e elegância para, depois, se chegar ao requinte. Quem conhecer os rudimentos que permitam trabalhar com correção com a palavra, vai poder usar de toda a sua criatividade nas redações."

O projeto ZH

"Pretendo fazer com que a Zero Hora lidere a consolidação de pólo jornalístico do RS que já começa a nascer e que seja um jornal efetivamente independente, bem escrito, correto no conteúdo e na apuração das matérias e elegante na forma. Está aí um projeto fácil de apresentar e difícil de materializar, porque a nossa mão-de-obra, o nível dos nossos jornalistas é muito ruim, de modo geral em todo o Brasil. O meu projeto é formar uma grande equipe baseada no Rio Grande do Sul. Seria relativamente fácil importar uma grande equipe e começar a mudar um jornal, mas isso comprometeria o olhar gaúcho que a ZH tem que ter. O projeto da ZH é se tornar um jornal influente em todo o Brasil, capaz de repercutir em todo o país pela qualidade do que publica, porém com a força baseada na alta tiragem regional."

Demissões

"Na ZH foi feita uma avaliação de 100 dias pelos editores que não estavam habituados a fazer isso. Todos foram avaliados. Os editores é que disseram quem deveria ficar, quem deveria sair. O engraçado é



que propagaram por aí o número de demissões com muita animação, mas ninguém diz que pela primeira vez na história de ZH, ou na história de algum jornal, ocorreram 185 aumentos de salários simultâneos. A ZH fez demissões em nome de um critério no qual prevalece a qualidade sobre a quantidade. Se as redações continuarem a funcionar como clubes, e várias funcionam assim, vocês estudantes jamais terão emprego, porque as pessoas ficam condoídas com a situação do incompetente que está ao lado e que tem uma família e porque não os conhecem não ficam condoídos com os que também têm família e estão a espera de uma vaga no mercado de trabalho."

Salários e responsabilidades

"Eu me responsabilizo inteiramente pela política salarial na redação de ZH e pelo noticiário do jornal. Quanto a política salarial, ela será modernizadora. Já ocorreu, no centésimo dia das mudanças o primeiro aumento. Nós teremos de aproximar os salários de ZH aos salários dos quatro grandes jornais do País. Os saltos tem de ser dados em equipe. Equipe essa que tem de trabalhar com tranquilidade e tem de estar motivada, acreditando no projeto e, sobretudo, confiando no que diz o chefe de redação. Quanto ao

noticiário, eu me responsabilizo por todas as notícias, e a cobrança pode ser feita a mim diretamente. Alguns erros foram cometidos serão cometidos até que eu encontrar mecanismos de controle que estendam a toda a redação, o não se consegue em 100 dias. Não fazem 100 dias que estou aqui

Correspondente e candidato

"Todas as viagens, a partir de agora serão feitas por jornalistas de ZH não serão feitas. Essa ligação mecânica entre rádio, TV e jornalismo começou a acabar. Outra coisa ZH não serve mais de tribuna para candidatos. Quem for candidato essa é uma decisão da direção. RBS, a qualquer cargo eletivo, fazer sua campanha fora das páginas de ZH. Não se pode ser candidato funcionário. Nem funcionário licenciado: tem que se demitir. Militância política é incompatível com o exercício do jornalismo independente."

Concorrência e monopólio

"A ZH encara com bastante respeito sobretudo a concorrência local. Existem concorrentes respeitáveis aqui no Estado como o Correio Povo, o NH (de Novo Hamburgo). Acho que os leitores sempre terão opções. Não há o monopólio. O ato de compra de um jornal é um ato de vontade. O jornal é submetido, todos os dias, a uma eleição nas bancas

ção nacional

transformar no terceiro pólo jornalístico do País.



merecido, em parte, pelas suas virtudes, mas parcialmente, decorre da ignorância do brasileiro sobre como se faz um jornal."

Críticas

Quando algum jornal dá um furo das dimensões desse (o novo partido que o presidente Collor quer criar) criticado pelo Barrionuevo, é ignorado ou contestado por quem não tem condições nem talento para fazê-lo. Os outros jornais não repercutem porque em todo o mundo



varrem a manchete que configura o furo do concorrente para baixo do tapete. Isso é uma das coisas que a ZH não faz. Eu gosto, sem nenhuma arrogância, de ter discussões desse porte com jornalistas que mereçam crédito, que tenham mais cacife para discutir comigo. Eu tenho um currículo que me desobriga de dar respostas a qualquer tipo de observações feitas por pessoas que não teriam chances comigo, por mais de uma razão."

Ombudsman

"Eu fui o primeiro a ser convidado para ocupar o cargo na Folha de São Paulo. O Otávio Frias Filho (diretor de redação da FSP) e o Caio Túlio Costa (primeiro ombudsman da FSP), que na época ocupava o cargo de secretário de redação, começaram a me explicar o que seria aquilo: eu leria tudo e no dia seguinte, iria comentar todas as editorias. Perguntei: "Por que não faço isso na véspera? Se eu fizer 10% deste trabalho na véspera, eu evito 10% de erros."

É muito fácil ser profeta em relação ao passado. Então, a atividade do ombudsman deveria ser exercida no "baixamento". Quanto ao Caio Costa, ele não tem cacife para ser editor de um jornal, porque se aquela certeza que ele manifestava *a posteriori*, pudesse aplicar com a eficácia com que proclama, estava ali o melhor diretor de redação do mundo. É um sujeito que só tem certezas, um homem sem dúvidas. Ombudsman é o diretor de redação. Eu sou, sem bancar o pretensioso, o ombudsman do jornal onde trabalho. O jornal que precisa de um terceiro para defender os leitores do que faz a redação, precisa mais é trocar de diretor de redação."

assinhar uma nota inteiramente absurda e que foi distribuída na Esquina Democrática, me atribuindo a redução de 30% do quadro funcional do "Estadão". Isto é mentira. Jornalista não deve mentir. Lá, eu aumentei o quadro em 30% e a folha de pagamentos em 60%. A nota mostra ignorância ou má fé. As relações se deterioraram por culpas de parte a parte que eu não terei. Eu pratico a democracia e sou tolerante com adversários ideológicos, políticos. Eu não preciso receber lições sobre as vantagens da democracia de nenhum presidente de sindicato. Se eles têm queixas, eu também as tenho: o meu sindicato não deveria me acusar levemente como o fez."

Folha de São Paulo

"É um jornal que confunde, e o próprio ombudsman disse isso, ser independente e ser contra tudo. O Brasil ainda vai descobrir a leviandade que está embutida em certas notícias dadas pela FSP. É só ser entrevistado por repórteres da Folha para se entender o que é a encarnação da arrogância e do sujeito que se acha dono da verdade. É o resultado de uma cultura na qual se embute, também a figura de um cara que, com a idade de 34 anos, acha que já viu e sabe tudo sobre jornalismo: o Caio Túlio Costa. O prestígio da FSP é



se o jornal não for bom, o leitor não compra. Se ZH não for uma leitura satisfatória, o leitor compraria outro jornal, do Rio Grande ou de fora daqui. O monopólio é um perigo para quem acredita nele. Se o jornal não for competente, ele acaba. Não é anunciante que acaba com jornal, nem governo, a não ser pela censura ou outras medidas de força. Quem acaba com o jornal é o leitor."

A relação com o sindicato

"Eu acho que as relações devem ser inteiramente normais. O presidente do Sindicato dos Jornalistas (Celso Schröder) entrou, pela primeira vez em alguns anos, na Redação de ZH, a meu convite, para conversar comigo. Tive a delicadeza de me apresentar a ele e conhecê-lo antes de qualquer juízo de valor. Delicadeza que ele, presidente do Sindicato, não teve comigo, ao

Editorial

O 3x4 março/abril é mais um jornal experimental. No entanto, por ser mais um, é integralmente diverso de qualquer outro saldo dos fornos dos laboratórios dos Cursos de Comunicação espalhados pelo país.

Nada tão original que ainda não tivesse sido tentado, mas, ainda assim, diverso. Foi a solução para driblar a falta de recursos, a obsolescência estrutural e o hiato que separa a prática dos laboratórios da prática diária do jornalismo, o que inviabiliza simular o produto de uma redação de jornal com algum sucesso e eficiência. Entre uma cópia mal feita dos jornais convencionais e uma experimentação mais ousada, ainda que ingênua, de novas fórmulas (embora nem tão novas), optou-se pela segunda alternativa.

Por isso este número do 3x4 é na verdade três: o primeiro traz posições e contradições do novo (e polêmico) diretor de redação de Zero Hora, Augusto Nunes, num jornal que, graficamente, obedece os protocolos do jornalismo ortodoxo. O segundo é um jornal gráfico que une palavra e imagem num jogo visual para lembrar que pontos e traços podem significar tanto quanto letras e verbos. E tem ainda o jornal literário, em formato standard na sua página central, intencionalmente fora do esquadro teórico do jornalismo, em forma e conteúdo.

É bem possível que o resultado não corresponda exatamente às idéias que o geraram, assim como este jornal não seja a redenção do jornalismo experimental e da reputação arranhada dos estudantes de comunicação. Mas certamente terá sido uma tentativa sincera de criação e, embora faculdades e redações estejam repletas de boas intenções, entre uma e outra, às vezes acerta.



Recado

Mais um semestre vai terminando, como tantos outros na FABICO, badalado, brigado, com velhos e novos problemas, aposentadoria de professores, concursos que atrasaram o início de disciplinas, cursos, seminários, palestras, teatro, eleições e outras.

E também a Comunicação da Ufrgs está inovando. Agora as publicações da faculdade, estão sendo editadas eletronicamente nos dois núcleos, o NID, com Macintosh e o NEE, com PC.

Deslumbrante? Nem tanto. Nada acontece repentinamente. Tudo chega a seu devido tempo. São causas e consequências do esforço de todos.

Em todo o caso, os semestres começam e terminam.

Bendati

Três x Quatro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor: Tuiskon Dick

Diretor da Fabico:

Blásio Hickmann

Chefe do Depto de Comunicação:

Anibal Bendati

Professores Coordenadores:

Wladimir Ungaretti e Anibal Bendati

Primeiro Caderno:

Sandra Bitencourt e Nazur Garcia (editores)

Lurdete Ertel

Elisabete Lacerda

Ricardo Willrich

Caderno Gráfico:

Fernando Schmitt (editor)

Caderno Literário:

Elisa Rossato e Astomiro Romais (editores)

Projeto Gráfico:

André Barrionuevo

Diagramação:

André Barrionuevo e Fernando Schmitt

TIJES S QUATRO OITTO GERÁFICO

Um jornal para ser visto.
Lido mais por suas imagens
que por seu texto. Repleto
de prazer estético.
Experimentando com um
tipo de informação relegado
ao plano do esquecimento.
Trabalhando no limite entre
o jornalismo e a arte.
Propondo algumas ousadias
que dificilmente vingariam
num veículo não
universitário. Realizando
uma pesquisa de
compatibilidade entre a
estética e a informação. Um
jornal essencialmente gráfico
e visual, poético e
fotográfico, essencialmente
experimental.





Quem está do outro lado da grade?

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis

Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue dui dolore





te feugait nulla facilisi. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui

O muro que isolou o Hospital Psiquiátrico São Pedro durante várias décadas foi derrubado no início de 1990. O limite entre os dois mundos - o dos normais e o dos loucos - passou a ser determinado por um outro cercado, desta vez feito de grades.

A substituição do muro pelas grades abalou, com certeza, alguns dos mitos que envolvem a maneira como os que estão do lado de cá das grades percebem a questão da loucura. Agora é possível enxergar um pouco do que acontece do lado de lá. A realidade da qual o muro nos protegia não é tão diferente assim do mundo em que vivemos.

Esse ensaio é, antes de mais nada um exercício, uma tentativa de, através da linguagem fotográfica, mostrar o lado "são" dos "loucos", chamar a atenção para a fragilidade que existe na fronteira entre os dois mundos. As imagens produzidas têm muito pouco a ver com o estereótipo que é atribuído às pessoas internadas em manicômios, e por isso às vezes causam um certo estranhamento. É simples e complicado: antes de serem loucos eles também são gente.

Luciana Mielniczuk

blandit praesent luptatum zzril delenit augue dui dolore te Nam liber tempor cum soluta nobis eleifend option congue nihil imperdiet doming id quod mazim placerat facer possim assum. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit

NOITES DE VERÃO

Um calor infernal. Um barulho ensurdecedor de centro de cidade. Madrugada. Ela se mexe, seu corpo nu faz a cama balançar para todos os lados. Seu suor pinga como uma tempestade tropical. Gemidos.

Amanhece. Ela se levanta, abre a porta do banheiro. Entra no chuveiro. Sua mão passeia lentamente por suas coxas, por seus seios, por seu rosto, num ir-e-vir sensual. Uma sensação de frescor e alívio invade a sua alma. Uma sensação de limpeza.

Alguém bate à porta. Ela não responde. Novamente golpeiam.

-O que é?

-Posso entrar? - pergunta a outra.

Ela não responde. Continua se esfregando e curtindo seu momento de alívio. A outra entra no quarto. Observa a cama revirada, o ventilador caído no chão, pequenas manchas de sangue nos lençóis. Como se uma luta tivesse acontecido ali.

-Meu deus! O que houve por aqui?

Ela não responde. Apenas continua seu ritual de limpeza. Desliga a água. As últimas gotas param de cair. Pega a toalha e se esfrega com carinho. Sensação de frescor.

Sai do banheiro. A outra a encara fixamente, com um olhar levemente desaprovador. Ela não lhe dá importância. Pega a roupa e começa a se vestir.

-O que aconteceu por aqui? Que bagunça é esta?

Ela não responde, apenas sinaliza a porta. A outra vacila um pouco, mas sai. Continua a colocar a roupa. Olha em volta, admitindo a bagunça. Vê o sangue. Coça o braço e exclama:

-Malditos mosquitos! Malditas noites de verão!

Fernanda Magnus



Ilustrado: Marcelo Perseu

OS MORANGOS ADMIRÁVEIS

A velha estava deitada na cama, como sempre. Boca aberta, roncando baixinho.

Ela me passava uma impressão de desconforto.

Mesmo agora, ressonando à meia luz do quarto. Tinha o ventre levemente pronunciado. Eu havia sido feito ali.

A televisão azulava o quarto. Eu me balançava na cadeira. Bem devagar, para sentir mais fundo o enjôo que crescia. Nenhuma luz além da tela do aparelho. Escuridão latente rondando. Olhei pros joelhos da velha, descobertos, e estranhei a sua aparência simplória. Pela janela entrou um ar quente, quase fêtido. Aquele era o cheiro da noite. O cheiro de um animal selvagem.

Tinha trinta anos e morava

sua delícia. Meu único motivo. O último talvez. Lembrava do Joca rindo, como sempre. Nunca pudera entender aquela felicidade inabalável que seu rosto expunha.

A programação, de volta à rotina, em nenhum outro momento me pareceu tão imbecil. Corri para o banheiro e um reflexo branco explodiu no espelho assim que liguei a luz. A dor me cortava os olhos. Ainda assim, fui-me compondo aos poucos, em imagem e estranheza, à frente de mim mesmo. Dezenas de rugas, uma auréola branca ao redor da íris, e a minha detestável barba por fazer. Agora grisalha, espetada numa pele espessa. Tinha sessenta anos. Não entendia como, e essa dúvida me ia levando aos poucos à barra do desespero. Havia uma única certeza

BRINCADEIRA

- Carla, sobe. É a última vez que eu te chamo, hein!

Ainda hoje me lembro dos gritos da minha mãe. Morávamos numa rua calma, de mão única e pouco arborizada, num bairro classe média-baixa. No edifício, de apenas dois andares (ou seriam três?), dezenas de apartamentos e, nos apartamentos, de apenas um quarto (ou seriam...? Não, era um quarto mesmo), apertavam-se os moradores, quase todos cheios de filhos. Difícil recordar as cores da paredes, mas sei que tinham enormes manchas de umidade no alto e no teto.

- Não é pra menos que os meus guris tão sempre com o nariz escorrendo. Essa umidade esfria até a alma.

Esfriava mesmo. Os seis apartamentos de frente tinham sacada (agora me lembro: eram três andares), e por sorte morávamos num deles. Era o único lugar por onde podíamos olhar para a rua. E por onde nossas mães nos controlavam.

Esconder, pegar, múmia, polícia-ladrão, mamãe-posso-ir: nossas brincadeiras duravam todo o dia e, às vezes, parte da noite. Nunca atendíamos de primeira o chamado de nossas mães.

- Carla, sobe. Tô cansada de chamar.

Nem mesmo Fernando, que apanhava quase todos os dias. De cinco. Sua mãe adorava lhe bater na sacada, para que todos vissem. Mas ele não aprendia.

A rua era o que tínhamos de melhor, apesar dos gritos e dos olhares

nos observando, atenta, como quem faz um pedido.

Ficamos cansados daquela situação. Uma mistura de tédio com constrangimento. Então resolvemos convidar Lisiane. Pelo menos era uma pessoa a mais... afinal, o que tínhamos a perder?

A menina pareceu se iluminar. Ela não cabia em si. E as brincadeiras transcorreram, durante um bom tempo, normalmente. Tempo suficiente para que o resto da turma chegasse e brincasse conosco. Inclusive a Lisiane, que era, afinal, uma boa companhia.

- Um, dois, três... trinta. Lá vou eu.

Esconder era uma de nossas preferidas. E parecia ser de Lisiane também. Aliás, ela corria, fugia e se escondia melhor que qualquer um de nós. Tão bem que naquela tarde ninguém conseguiu achá-la, mesmo depois de todos já terem sido encontrados. Os vizinhos que assistiam às nossas brincadeiras também não sabiam dizer onde ela havia se escondido. Anoteceu, e nós não podíamos ficar na rua. Pensamos que Lisiane talvez tivesse ido para casa sem nos avisar.

- A Lisiane está aí? Ela estava brincando lá embaixo e, até agora, não subiu.

Já estava deitada (eu dormia no sofá da sala), quando ouvi a voz da mãe da Lisiane. Não sabíamos de nada, embora eu achasse que ela, empolgada com a brincadeira, deveria estar ainda no seu esconderijo, aguardando o melhor momento de aparecer e se declarar a vencedora. O que eu não

Aquele era o cheiro da noite. O cheiro de um animal selvagem. Tinha trinta anos e morava ainda em casa de minha mãe. O escuro sempre me deu medo. Não conseguia enxergar a lombada de muitos livros na estante. Qualquer coisa poderia estar escrita nelas agora. Todas as minhas maldições talvez. Minha alma a descoberto. Medo. A velha remexeu-se um pouco, empapou a boca, e seguiu a dormir. A nuca saindo do travessão como uma estaca. Tentei concentrar-me na tela.

A programação em breve interrompida por um boletim. Nenhuma emoção. Um jornalista cinzento falando qualquer coisa. Sua gravata reluzindo sob a luz combinava com a metrópole lá atrás. Ele estava numa avenida qualquer, com muitos prédios em volta. O centro da cidade, uivando só pra mim, em silêncio. E o repórter dizendo que um tal de Márcio Paixão havia assassinado o sorveteiro Joca. Joca Gelado, o único homem que me fazia sair de casa. Uma vez por mês, para um duplo de morango. O único motivo. Assassinado por Márcio Paixão. Márcio Paixão. Meu nome.

Olhei para a velha que não se mexia. E para a televisão que enquadrava todo movimento em sua tela imóvel. Não havia sobressalto. Estava aturdido. Havia saído de casa ontem, depois de muito, e a lembrança do ar pesado da cidade ainda me era clara. Também os carros no engarrafamento, se mexendo lentamente, como um grande réptil multicolor. Eu lembrava de tudo. Do sorvete de morango. Róseo, salpicado de pontos vermelhos, escorrendo e melando minha mão com seu caldo morno. Não. O caldo era frio, eu lembrava. Aquele sabor ficaria no mundo depois de mim. E isso era muito da

não aprendida. A rua era o que tínhamos de melhor, apesar dos gritos e dos olhares atentos das mães ou dos vizinhos mais intolerantes. Era onde brincávamos todos juntos. Todos, menos Lisiane.

Sentada no muro do edifício, usando um vestido feito em casa e rabinho-de-cavalo, aquela menina de cabelos castanhos e grandes olhos pretos observava, quietinha, nossas brincadeiras, talvez esperando por um convite para participar delas. Um convite que não chegava nunca. Embora não nos tivesse feito nada, não gostávamos de seu jeito sério, que lhe dava um certo ar superior. Ela, por sua vez, parecia inibida em nos procurar. Então, nós a ignorávamos, ou fingíamos que a ignorávamos.

Até que numa tarde o convite foi feito. A maior parte da turma estava em aula, e éramos apenas três para brincar - um número que torna qualquer brincadeira chata. E, apesar de toda chatisse, Lisiane continuava

no seu esconderijo, aguardando o melhor momento de aparecer e se declarar a vencedora. O que eu não sabia é qual seria o esconderijo e em que momento Lisiane apareceria.

No dia seguinte Lisiane não estava mais sentada no muro. Retomamos a busca - como poderíamos iniciar outra brincadeira sem encerrar a do dia anterior? Os pais da menina e das outras crianças também ajudaram na procura. Em vão. Lisiane nunca mais apareceu.

Seus pais se mudaram meses depois daquela rua, onde deve ter ficado Lisiane, orgulhosa por ter enganado a todos. Nós, após algum tempo proibidos de sair de casa, continuamos brincando, sempre com a esperança de encontrar o esconderijo de Lisiane.

Talvez não devêssemos tê-la convidado para brincar.

Eliane Rivero Jover

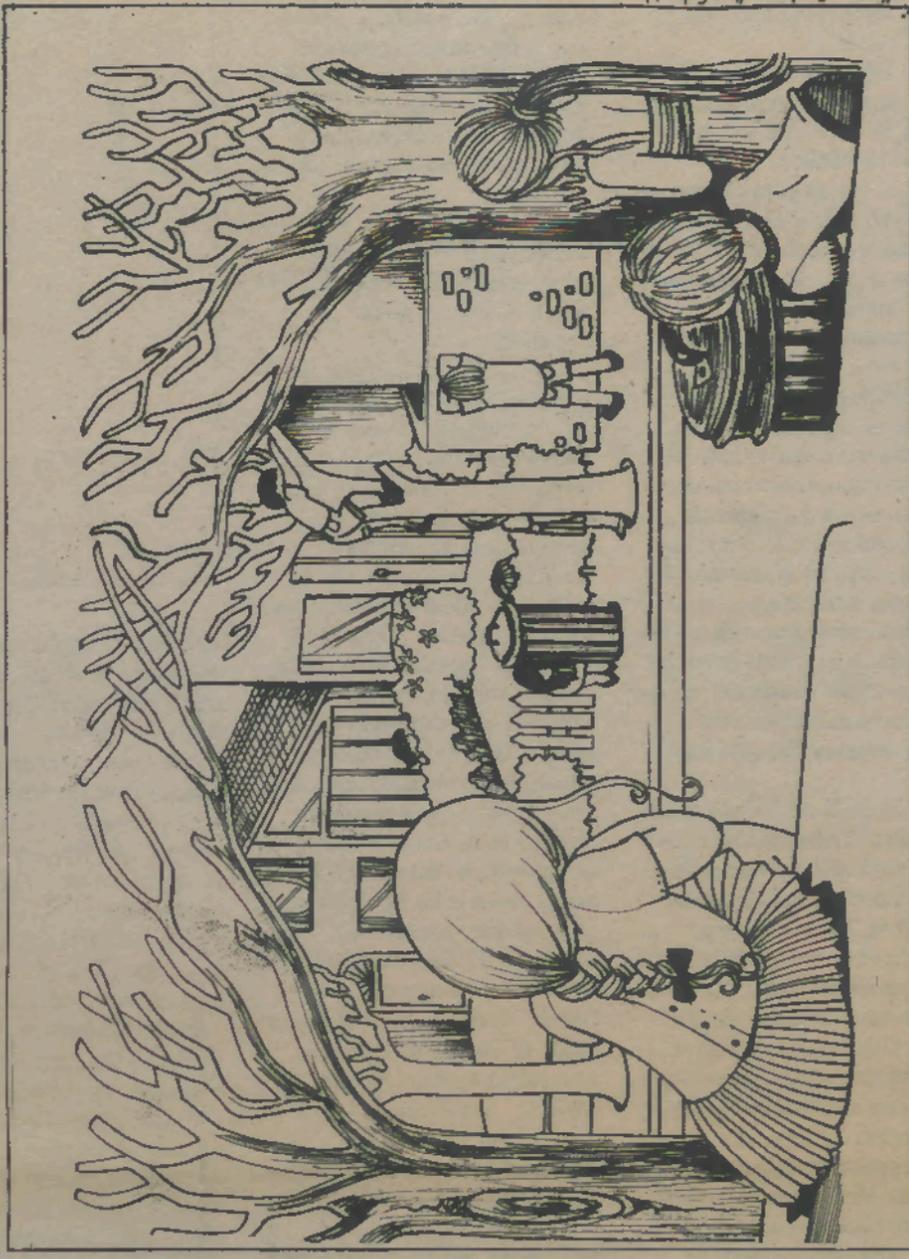


Ilustração: Jacqueline Schmidt

Adriano Silva

O conto foi escrito primeiro em uma rodoviária, com chuva caindo do céu e desânimo inundando a terra. Depois em uma bela tarde de sol à beira do rio, que corria calmo da foz para a nascente. O conto é dedicado a Jerônimo Teixeira e Rubem Braga. Pela doçura possível.

O GAGÁ

Terminem suas apostas por favor, cavalheiros, a mesa vai fechar. Bola na roleta...

- Acorda seu Amarildo, velho vagabundo. A tua mesa já fechou faz muito tempo e tá na hora do teu banho.

A voz da gorda. Estridente sopetão no meu sonho, batia qual sineta sempre na hora "H". Todos na mesa de jogo se voltavam para aquele crupiê, que instantaneamente voltava a ser aquele velho vagabundo, confortavelmente instalado nesse depósito de rugas, de chuveiro muito quente, comida muito fria e das mocinhas um tanto murchas. Bons tempos de jogo liberado, cidades enriquecendo e pessoas vivendo, estão na minha cabeça como uma marca d'água. Eu era o quase indiferente arauto de muitas felicidades, e de muitas desgraças também. Quase indiferente até que um dia comuniquei a minha própria desgraça. Éta vida mais besta.

Tinha lá em Iraí um monte de cassinos. Trabalhava no mais rico de todos. E o homem mais rico de todos não saía da minha mesa. O Sr. Taspetti se dizia descendente de nobres de Nápoles e dono de muitas terras. Quanto à sua nobreza muitos duvidavam, mas do dinheiro que ele jogava fora, ninguém, muito menos o meu patrão, pois cada vez que eu girava aquela roleta ele abençoava minha mãe e a pouco nobre família Trancoso. Mas o signore Taspetti era como uma ilustração daquele ditado: "azar no jogo, sorte no amor". A cada dia o bendito vinha com uma mulher diferente, e cada uma mais maravilhosa e apaixonada que a outra. Louras, morenas, ruivas, louras...

Ninguém sabia de onde elas vinham, mas não paravam de vir. Assim, quem poderia se importar com o fato do italiano ser um baita azarão? Ele mesmo não tava nem aí, e não parava de despejar fichas e mais fichas na minha mesa, com a cara cheia de marcas de batom.

- Seu Amarildo, quer fazer o favor de falar sozinho um pouco mais baixo, velho estúpido. Não tá na hora da nossa cagadinha?

- Cagadinha, cagadinha é o que a tua mãe fez, infeliz.

Bom, Sr. Taspetti né? Estava tudo indo muito, o cassino enriquecia, o Taspetti com a pele cada dia mais saudável e eu..., bem eu... Até que um dia entornou o champanhe. Ela era a mais maravilhosa de todas, e era morena - ou loura? Começou a vir com o Taspetti todas as noites, coisa de noivado, diziam. E o azarão lá, não mandando ver nada, ia ficha e ele sorria, louvava o santo papa e beijava a testa da santa. E não é que a mocinha começou a reclamar, completamente entediada: - Tu nunca ganha nada, hein? Silêncio na mesa. Ele apostou mais. Vermelho 27, falei meio baxinho. Silêncio mortal na mesa. A "deusa" bocejou, virou as costas e saiu. O Taspetti foi atrás, e o meu patrão também. No dia seguinte... aaah merda.

- Ah, desculpa seu Amarildo, é que tinha uma mosca na sua careca e eu matei.

- Sai daqui sua mocronga, não vê que eu estou ocupado?

Bom, no dia seguinte o grande descendente de barões e multimilionário Taspetti veio sozinho. É, s-o-z-i-n-h-o. E veio



Ilustração: Pety

direto para a minha roleta, com cara de quem sai do carro em um dia de chuva para chutar um pneu furado. E adivinha quem tinha furado? Pois é, ele despejou aquele monte de fichas em cima do 27, vermelho. Ficou olhando pra mim que fiquei olhando pra ele, até que disse: - Echo, me gira questa porcaria, eh! Rodei e pimba. Vermelho 27, falei. Foi uma festa. Olhei pro meu patrão e tava ele com uma cara ridícula de mãe que fica boazinha em dia de natal. E quem era o Papai Noel? Mas ninguém entendeu o italiano. O coitado ficou enlutado, tirou um enorme lenço de seda branco do fraque e enxugou uma lágrima. Apostou tudo o que tinha, de novo, no mesmo número. Acertou. Ele me olhou desconsolado. O meu patrão já estava achando que era hora das crianças irem para a cama. E a criança continuou ganhando. E quanto mais ganhava, mais

desesperado e infeliz ficava. E foi assim que o azarão Taspetti limpou o cassino e tirou meu emprego. Dois carros cheios de dinheiro seguiram o seu, no que parecia um cortejo fúnebre. Deus que me perdoe. No dia seguinte comprei o jornal pra achar um emprego e li a manchete: "Barão italiano ganha tudo no jogo e se suicida". E embaixo uma foto da quase ex-esposa chorando desconsolada: "Foi um assassinato, ele era um homem muito bom e feliz!" Que coisa mais triste né, um hom...

-Me levanta essa bunda daí que eu tenho que fazê faxina, velho imprestável.

-Tá, tá, já tô indo, sua mocréia.

Mas do que que eu tava falando mesmo? Ah, tá, mulher não presta mesmo, né?

Rafael Brum Ferretti

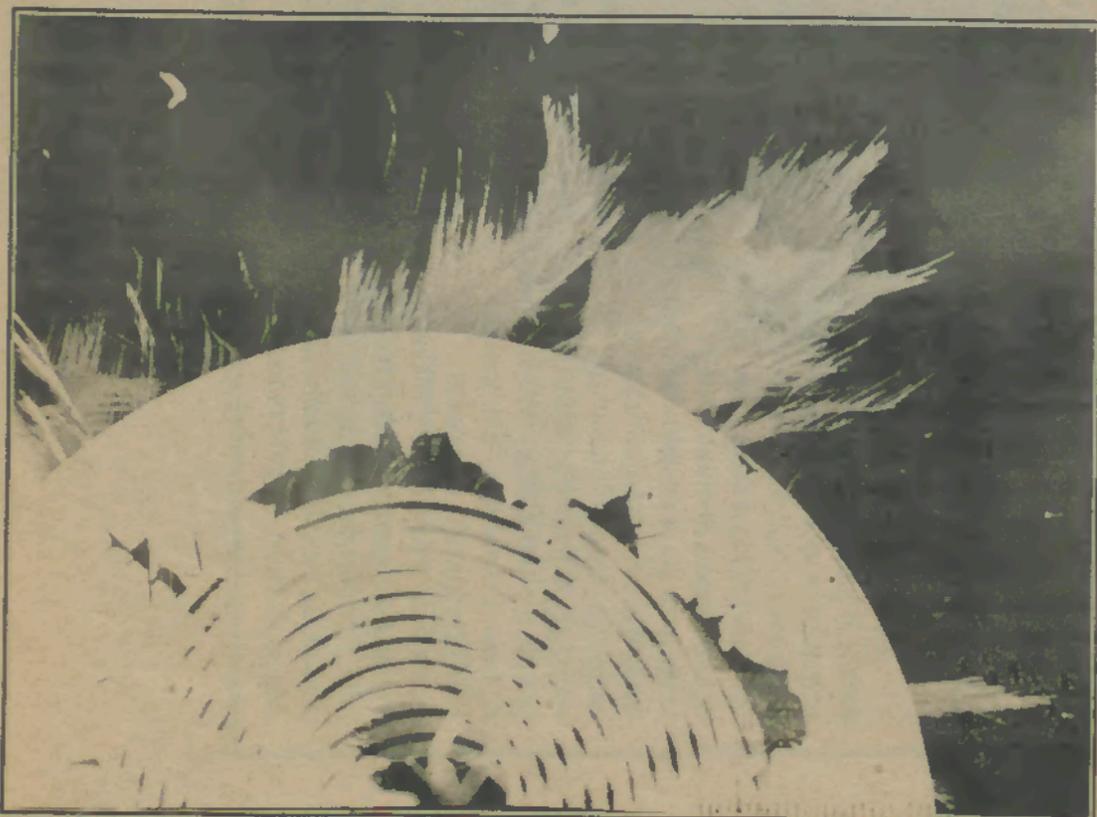


Ilustração: Fernando Schmitt

ENTRE AS CINCO E AS SEIS ato de contrição

Talvez o sol nem nasça, no final das contas. Percebo, agora, que não há nada que o obrigue. Deus, a maravilhosa ordenação cósmica da natureza ou mesmo a minha poderosa pálpebra, solena portão enganosamente indevassável. Com o nascer do dia virá a morte, essa sim, suprema reguladora. Durante todos meus dias, exceto nas devidas madrugadas juvenis, esta hora nunca existiu. Foi sempre tão pequena, consumida em algum sonho ou mesmo no limbo do sono profundo, que eu nunca tive idéia do quanto cabia dentro dela. Assim percebo que cada um dos dias de minha vida, ou

mesmo em cada um dos que se sucederam desde que essa miserável espécie humana habita a Terra, houve espaço suficiente para a enorme dívida. Houve um momento, suspenso, onde o Sol não nasceu. Ainda assim, insisti em viver a mais ignorante das vidas. Ainda assim amei, chorei, dormi, comi e tive a enorme petulância de acreditar em mim. Cheguei mesmo a crer em Deus. Pendurei nas paredes deste meu deserto retratos de pessoas queridas que agora me olham estúpidas e estupefatas, sem saber que resposta me dar. De que adiantou que velassem meu sono, se a luz do dia queimará minha carne e meus motivos? Como é grande este momento, Deus em que não acredito, entre as cinco e as seis da manhã. Nada, de nada me adianta falar em horas, não acredito em relógios também. Acredito, agora sim, que talvez o sol nem nasça. Com toda a certeza, o sol não nascerá.

Rodrigo Barradas Krammes

eu
estou
te pedindo
querida é pra
que mais poderia um
não mas não é o que
claro mas você não parece
entender que eu não posso ser
mais claro a guerra não é o que
imaginamos mas por favor pelo amor de Oh
que diabo sim é verdade que fui
eu mas esse eu não sou eu
você não vê que agora não nem
sequer cristo mas você
precisa compreender
como porque
eu estou
morto

e.e. cummings. nasceu em 14 de outubro de 1894. serviu com voluntário durante a primeira guerra mundial. passou três meses preso por engano em um campo de concentração francês. morou um tempo em paris. casou três vezes. teve uma filha que só veio a saber quem era seu pai aos 28 anos. autêntico homem sem profissão, viveu por toda sua vida dos parcos ganhos de poeta e pintor. morreu em 3 de setembro de 1962 de ataque cardíaco.



O currículo que orgulha Augusto Nunes

Não há como escrever a história do jornalismo brasileiro dos últimos 22 anos, sem citar o jornalista

Augusto Nunes, paulista de Taquaritinga, nascido em 1949, começou sua carreira em 1970, como revisor do extinto Diário de São Paulo. Em 72, foi ser repórter de O Estado de São Paulo, de onde saiu para trabalhar durante mais de dez anos na revista Veja: como repórter, editor político e diretor de redação. No Jornal do Brasil, foi diretor regional de São Paulo e, durante dois anos, apresentador do programa Roda Viva, da TV Cultura. Ganhou três vezes o Prêmio Esso de Reportagem e, a partir de 1988, assumiu como diretor de redação de O Estado de São Paulo, comandando o processo de modernização do jornal. Em janeiro deste ano, assumiu a direção de redação de Zero Hora com o compromisso de fazer um jornal capaz de repercutir em todo o Brasil.



Eu acho que o Augusto Nunes está chegando para tornar menos pesado esse imposto compulsório que a gente tem pago toda a manhã, que é ler a Zero Hora. Eu faço votos para que ele consiga tornar este jornal mais legível e, mais independente e mais agradável

ADRIANO SILVA - Jornalismo/5 semestre



Eu acho que o Augusto Nunes é um jornalista competente, já dá para ver algumas modificações na ZH. A fluência do texto está bem maior, mas eu acho que em relação ao conteúdo mudou muito pouco. O AN foi contundente em muitas coisas, mas no início, principalmente, ele estava na defensiva, esperava que o debate fosse mais provocativo. Mas infelizmente as pessoas não discutiram tanto a questão do conteúdo da ZH e partiram para outro tipo de conversa. Eu acredito que em relação à ZH é necessário uma transparência maior.

ALEXANDRE ROCHA DA SILVA - Jornalismo/5 semestre



As conclusões de Augusto Nunes estão certas, do ponto de vista da RBS. Mas o problema, que a gente fala aqui, não é a ZH em si, mas a falta de outros jornais.



MARCELO FLACH - Jornalismo/8 semestre



Esse tipo de palestra é muito importante nesta faculdade, para mostrar o contraponto da vida acadêmica e o que realmente estão acontecendo de reformas, o que tem de moderno no jornalismo. Não ficar só nos livros.

ALEX PRIMO Jornalismo/Famecos

Demissões causam polêmica

A busca da qualidade provocou 45 demissões e gerou opiniões controversas a respeito do assunto

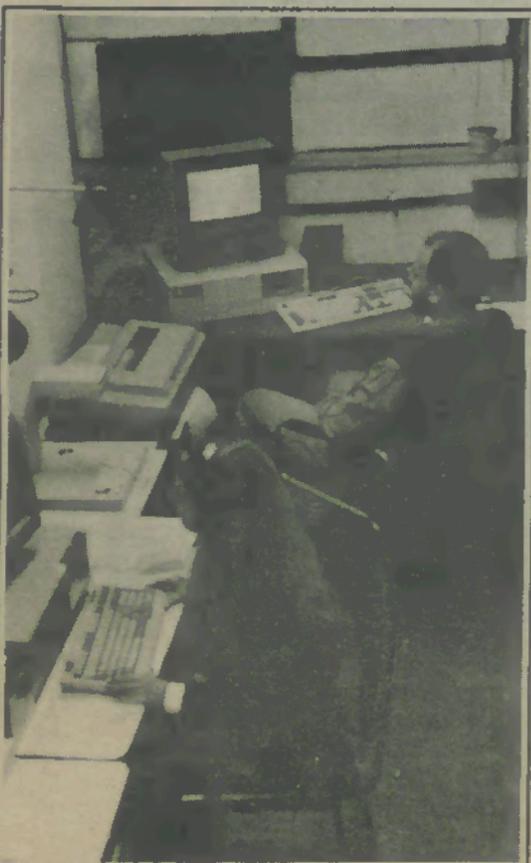
O processo de modernização de Zero Hora, com a chegada do jornalista Augusto Nunes, foi marcado pela demissão efetiva de 45 profissionais sob a alegação de que seus textos não se adequavam ao jornal e ao novo projeto. Na página três da edição de 15 de maio, a nova direção explica que o "critério de prevalência da qualidade sobre a quantidade permitiu a redução do quadro de funcionários". Entre os demitidos estavam Eugênio Bortolon, Nelson Matzembacher Ferrão e Wanderlei Soares, que ocupavam cargos de chefia.

O fato causou polêmica nos

vários setores interessados no assunto, desde a redação do jornal até o Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre. O vice-presidente do Sindicato, Renato Dornelles, acredita que a lista de cortes elaborada pelos editores foi usada para resolver casos de antipatia pessoal e diferenças ideológicas. No final de março, a decisão da justiça de suspender o pagamento de parte do dissídio 90/91 já provocava protestos dos jornalistas, que esperavam recuperar parte da defasagem salarial.

Duas das demissões comunicadas em 13 e 14 de abril foram reavaliadas depois de terem seus critérios questionados. Euthália

de Freitas Xavier, ex-editoria de economia e atualmente na editoria de cadernos, diz que houve "fragilidade no processo de exclusão e corte de pessoas porque este ficou a cargo de uma equipe com uma série de vícios. Deveria ter havido uma discussão mais ampla em torno do assunto". Já Rosane Trema, ex-editoria de geral e atualmente na editoria de cidades, não concorda com demissões em massa. Afirmo que há pessoas competentes que saíram e incompetentes que ficaram, mas tem expectativas de melhora: "temos que qualificar o jornal, fazer coisas de qualidade com pessoas competentes para isso."



Editando o Três x Quatro

3x4 Inaugura Editoração Eletrônica na Fabico

Pela primeira vez o jornal 3x4 foi totalmente editado e composto na FABICO, que já conta com dois laboratórios de pesquisa em informática. Em janeiro de 1992 a Faculdade adquiriu modernos computadores e diversos periféricos, que já permitem que as publicações da Comunicação e Biblioteconomia da UFRGS sejam editadas eletronicamente.

A aquisição destes equipamentos, viabilizada através de convênios com a Pró-Reitoria de Pesquisa e FAPERGS, deu condições para a criação de dois laboratórios de pesquisa em informática, organizados pelo Departamento de Comunicação.

Um deles é o NID, Núcleo de Informática e Design. Voltado para a pesquisa de computação gráfica e design, este núcleo está equipado com dois computadores Macintosh Classic, impressora laser e modem para a transmissão de dados. O outro núcleo é o NEE, Núcleo de Editoração Eletrônica. O NEE foi criado para pesquisar a editoração e o processamento de textos. Está equipado com três computadores PC, uma impressora e Scanner de mesa. A vantagem da utilização desta tecnologia é

um maior controle sobre o acabamento e o resultado final, já que somente os fotolitos e a impressão são executados por terceiros.

Além de sua utilização na produção editorial, que possibilita a confecção de cartazes, folhetos e publicações, estes

equipamentos são fundamentais para o processo de aprendizagem.

Até a aquisição dos computadores, será possível utilizar na prática este recurso, que já é uma realidade em todos os campos da comunicação.

Rádio e TV: o desafio da produção

Os ouvintes de rádio da Grande Porto Alegre já podem conhecer os melhores programas produzidos por alunos no Estúdio de Áudio da FABICO na Rádio Cultura FM (107.7 MHz) aos sábados, das 11h ao meio-dia durante o programa UNI-RÁDIO, junto com a Famecos e Unisinos.

O Estúdio de Áudio também ganhou um espaço exclusivo nos 1080 KHz da Rádio da Universidade. O programa Convide ao Áudio Experimental, de inteira responsabilidade da equipe do estúdio, vai ao ar aos sábados às 14h, com reprise às 13h de quarta-feira. A seleção, organização dos trabalhos e produção são do jornalista André Grassi, recém formado na FABICO. Estes espaços estão sendo ocupados por alunos do radiojornalismo, mas estão abertos a todos os alunos da Comunicação, desde que contem com a supervisão dos professores.

A TVE também vai divulgar a produção da FABICO, a partir de meados de junho, quando o horário das 16 às 17h vai ser partilhado com a Famecos e a Unisinos. Para isso estão sendo produzidos programas com os atuais equipamentos. Mas a FABICO aguarda recursos, já solicitados à Reitoria, para compra de novos equipamentos capazes de garantir a qualidade dos programas.